

EDITORIAL - TM PALESTINA

Desde os ataques ocorridos no dia 7 de outubro de 2023, o Estado de Israel iniciou uma série de intensos bombardeios que devastaram a Faixa de Gaza, resultando na morte de mais de 30 mil civis (até a data da escrita deste editorial), a grande maioria sendo mulheres e crianças. Essa ação bélica obrigou mais de um milhão de palestinos a buscar refúgio em Rafah, na fronteira com o Egito, à medida que as forças armadas israelenses prosseguem em sua marcha em direção a essa área. O local agora abriga um imenso campo de tendas, estendendo-se por quilômetros, evocando as trágicas imagens que surgiram após a Nakba em 1948, embora apresentando um cenário ainda mais caótico e desolador. Os sobreviventes dos bombardeios aéreos israelenses enfrentam agora a ameaça da fome, utilizada como instrumento de guerra pelo governo de Netanyahu.

Nesta edição especial da *Revista Tensões Mundiais*, intitulada “Genocídio do Povo Palestino”, nos debruçamos sobre um momento histórico agudo e grave, que requer a atenção inadiável da opinião pública global. Vivemos tempos em que a resistência palestina transcende as fronteiras de seu território, convertendo-se em um apelo em defesa da vida, da autodeterminação e da sobrevivência de seu povo. Esta edição não apenas responde esse apelo, mas também procura o papel fundamental da academia e do pensamento científico crítico na articulação da opinião pública mundial e na disputa de ideias.

A ascensão global da extrema direita e a influência dominante dos grandes conglomerados de mídia têm desempenhado um papel significativo na manipulação e distorção dos fatos relacionados ao conflito entre Israel e Palestina. Frequentemente, esses atores políticos e midiáticos empregam narrativas simplificadas que omitem contextos cruciais ou utilizam uma linguagem que desumaniza o povo palestino, minimizando ou omitindo a gravidade dos massacres e das perdas humanas. Ao fazer isso, eles não apenas obscurecem as complexidades inerentes ao conflito, mas também contribuem para uma percepção pública distorcida, que subestima e/ou ignora o brutal sofrimento palestino e as questões inerentes aos direitos humanos. Trata-se de uma estratégia de domínio, usada para reforçar agendas políticas específicas.

O filósofo espanhol Ortega y Gasset falava sobre um "tecido de verdades" que se adapta conforme as variações do tempo e do poder. Nesse contexto, o conjunto de verdades que forma a visão de mundo de um indivíduo está em constante processo de ser tecido. As concepções tidas como verdadeiras em uma época determinada podem ser desafiadas e até refutadas em outra, à medida que as circunstâncias evoluem e novos arranjos de poder emergem.

Em uma época marcada por conflitos e violências, reportada como um dos períodos mais mortais para os palestinos em Gaza e na Cisjordânia, é imperativo que a investigação científica contribua para a compreensão e a crítica dos motivos que levaram a esta crise humanitária.

Há quase duas décadas o Observatório das Nacionalidades traz em sua agenda de pesquisa o conflito palestino-israelense. O sistema de Estados-nação do Oriente Médio e

suas consequências na política externa brasileira foram discutidos durante o simpósio realizado em outubro de 2003, tendo como palestrantes: Sarkis Karmirian, chefe do Departamento do Oriente Próximo do Ministério das Relações Exteriores do Brasil; Bassam AbuSharif, assessor do então presidente da Autoridade Nacional Palestina, Yasser Arafat; Daniel Gazit, embaixador do Estado de Israel no Brasil. O evento não se limitou à mera exposição dos fatos e das razões do conflito, sendo pautado por um debate sobre temas polêmicos da atualidade, tais como: multilateralidade, papel dos Estados-nação, segurança internacional, terrorismo, autodeterminação dos povos etc. As palestras foram transcritas e publicadas em 2005, no número inaugural de *Tensões Mundiais* (<https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/803/704>), com detalhada introdução de Jawdat Abu-El-Haj. Para o professor e pesquisador do ON, foi uma rara oportunidade de observar as divergências e as convergências dos principais protagonistas do conflito e as possibilidades de uma diplomacia brasileira ativa na região trabalhar em prol da paz dos povos. Apesar do evento ter revelado uma veemente discórdia sobre o futuro do conflito entre os dois povos, todavia, confirmou que a paz é uma obra da vontade política de respeitar as diferenças, repelir as hierarquias e buscar as igualdades.

Em 2008, prosseguimos com matérias que abordam a resistência palestina e a política expansionista israelense, desta vez em artigo de autoria de Sued Castro Lima sobre o poeta da nação palestina Mahmoud Darwich (1941-2008), guerrilheiro, líder político, jornalista e escritor. De sua poesia, argumenta o oficial aviador e pesquisador do ON, surge a denúncia candente da Nakba, palavra árabe usada para designar a catástrofe que se abateu sobre o povo palestino a partir da criação de\o Estado de Israel. (<https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/814/721>).

Mais recentemente, *Tensões Mundiais* publicou ensaio da fotografa e estudante de Relações Internacionais Karine Garcez, intitulado “Vida em refúgio, memórias fotográficas” (<https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/357>). Em 2012, teve aulas com Hosam Saleh, professor da Universidade de Gaza, considerado um dos melhores fotojornalistas da região, o que lhe possibilitou documentar expressões de crianças refugiadas, sem reproduzir a linguagem de espetacularização da dor. Com apoio da organização Al Wafaa Campaign viajou para Síria, Líbano e Turquia, o que resultou no projeto “Infância Refugiada”, que apresenta um pouco do olhar, sorriso, expressão e histórias das crianças.

A edição “Genocídio do Povo Palestino” nasce de um meticuloso processo de seleção, contemplando contribuições de todo o Brasil e do mundo, cada uma submetida a uma rigorosa avaliação para assegurar que os conteúdos abordados reflitam não apenas a realidade sensível, mas também o compromisso com os fatos históricos e sua análise crítica. Mantendo o tradicional rigor científico da *Revista*, este número distingue-se por ser, acima de tudo, militante e rebelde. *Tensões Mundiais* tem a missão de construir uma trincheira contra o avanço de narrativas sionistas, imperialistas, neocoloniais e racistas que predominam em diversos meios de comunicação de massa, buscando oferecer um contraponto necessário e uma resistência intelectual vigorosa.

Apresentamos, inicialmente, as percepções de Ilan Pappé, Trita Parsi e Stephen Walt sobre o contexto histórico, a conjuntura regional e internacional e os cenários decorrentes da guerra. As entrevistas com os três destacados pesquisadores da área de Relações Internacionais e Oriente Médio integram o projeto de pesquisa “As disputas entre as grandes potências e a nova geopolítica no Grande Oriente Médio: redefinições

no sistema de alianças regional”, coordenado por Reginaldo Mattar Nasser, no âmbito do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os Estados Unidos (INCT-INEU).

Na sequência, trazemos a sessão "Diálogos: Jornadas de Geopolítica – Observatorio Geohistórico da Universidad Nacional de Luján (OGH-UNLu)", com entrevistas e análises que abordam as origens milenares deste terrível conflito sob múltiplas perspectivas: geográfica, histórica, cultural, econômica e política. Os entrevistados de diversas nacionalidades, incluindo espanhol, basco, argentino, indiano, entre outros, oferecem olhares variados, contribuindo para aprofundar a reflexão sobre o tema. A série de seis entrevistas escolhidas, dentre outras que integram a rica programação ocorrida em novembro de 2023, inclui a transcrição de um debate no qual Carmen Parejo, Martín Martinelli e Nazareth Chanique discutem a situação na Palestina e Israel. Este ocorre dentro de um quadro de lutas anticoloniais e globais. Os autores fazem referência à história desses conflitos desde o mandato britânico na Palestina e a relacionam com a luta do povo saarauí. Eles destacam a importância de compreender esses conflitos dentro de um contexto histórico e político mais amplo, criticando a inação de organismos internacionais como a ONU. Além disso, dialogam sobre o papel dos movimentos sociais e da solidariedade internacional, o papel das potências coloniais e as dinâmicas geopolíticas, incluindo a influência dos Estados Unidos e a lógica imperialista. O texto enfatiza a necessidade de reconhecer as lutas anticoloniais e os direitos de defesa dos povos.

Claudio Katz, pesquisador e professor de economia na Universidade de Buenos Aires, advertindo contra a ambiguidade de muitos pronunciamentos, discorre com clareza sobre o expansionismo sionista e a limpeza étnica em Gaza. Tal política de extrema direita foi desafiada por uma operação espetacular que manchou a imagem de Israel como potência inatacável e desestabilizou a contraofensiva estadunidense. O Movimento de Resistência Islâmica - Hamas, segundo o autor, exerceu o legítimo direito de defesa face a um Estado que age como agressor.

Produzido no calor dos acontecimentos, o texto intitulado "Faixa de Gaza, 2023: o Genocídio dentro do Apartheid" explora a complexidade do conflito, focando na categoria de genocídio e sua vinculação inerente com apartheid e colonialismo. Fábio Bacila Sahd detalha os antecedentes históricos e a dinâmica colonial no contexto das retaliações israelenses às operações do Hamas e da dramática situação humanitária em Gaza. Amparado em referencial teórico do Direito Internacional dos Direitos Humanos e reportagens jornalísticas, conclui ser adequada a tipificação jurídica de genocídio.

As limitações do direito internacional em resolver o conflito também são tema de Moara Assis Crivelente, pesquisadora do Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz (CEBRAPAZ). Em seu artigo "Além do testemunho: o papel do direito internacional contra o genocídio e a colonização da Palestina", tece críticas à eficácia simbólica dos Acordos de Oslo, ressalta a falta de proteção internacional aos palestinos e a necessidade de ações políticas concretas para garantir a autodeterminação para a Palestina.

Em "Gaza: da tempestade de Al-Aqsa ao genocídio", a situação colonial e seus desdobramentos são analisados no contexto atual, com destaque para os eventos recentes, definidos como genocídio. Bárbara Caramuru Teles e Helena de Moraes Manfrinato Othman buscam, à luz de uma perspectiva antropológica e historiográfica, entender a consolidação do colonialismo na Palestina e as consequências para sua população. Menciona ainda a cobertura midiática e a desumanização dos palestinos, fazendo contraponto com a narrativa contra hegemônica que fornece um corpo alternativo de informações.

Em seu estudo sobre o conflito Israel x Palestina, Marcel Pereira Pordeus, Kátia Paulino dos Santos e Wildeson de Sousa Caetano propõem uma abordagem descolonizadora que possa contribuir com a criação de medidas para resolver o impasse entre os dois países. Advertem que a mídia conservadora adota o discurso de “defesa” do lado israelense, reduzindo décadas de enfrentamento a uma única ocasião, uma manobra que visa causar alienação e justificar o genocídio.

“Guerra Global ao Terror: o “urbicídio” no centro da aliança EUA-Israel”, artigo de Isabela Agostinelli dos Santos, Reginaldo Nasser e Bruno Huberman, explora as bases de sustentação da relação especial estabelecida entre estes Estados. Seus autores argumentam que a destruição urbana, denominada "urbicídio", reflete a estratégia de contrainsurgência israelense exportada globalmente, a partir da parceria EUA-Israel na Guerra ao Terror. Utilizado pela primeira vez durante a Guerra da Bósnia, o conceito de urbicídio foi mobilizado para descrever a operação militar israelense no campo de refugiados de Jenin, na Cisjordânia, em 2002.

“Handala”, personagem do cartunista palestino Naji al-Ali, sobrevoando um céu vermelho-roxo de paraquedas - meio de transporte de muitos combatentes do Hamas - é a imagem singela e potente que motiva as reflexões da jovem Nina Fernandes Cunha Galvão. Seu trabalho ressalta os impactos dos eventos de outubro de 2023 na Palestina, analisando as implicações políticas e sociais das diferentes Nakbas sobre o imaginário palestino e a resistência anticolonial ao sionismo.

Kelvin Araújo da Nóbrega Dias e Filipe Reis Melo traçam esclarecedores paralelos entre a realidade palestina e as favelas do Rio de Janeiro, destacando a militarização social nos dois contextos, marcados pela impunidade e pela violência estatal. O estudo de caso tem como recorte temporal 2022-2023 a fim de cobrir acontecimentos recentes. "Pensar Palestina, Pensar Brasil: imperialismo, colonialismo e militarização" revela a naturalização e a permissividade em relação às mortes dessas populações, configurando apagamento étnico-cultural.

Os dois artigos que encerram esta edição tratam do conflito Israel x Palestina a partir de uma perspectiva religiosa, mas com diferentes abordagens. O ensaio de Ivan Martins tem por objetivo considerar a ideologia religiosa evangélica de defesa do Estado de Israel, para compreender o sionismo evangélico brasileiro e sua influência na política. O ponto de partida são as pesquisas de opinião pública realizadas e divulgadas no Brasil, logo após mais um capítulo da guerra entre o Estado de Israel e os palestinos da Faixa de

Gaza. Por sua vez, Emanuel Freitas da Silva, Emerson José Sena e Kerolaine de Castro Oliveira discutem criticamente a identificação entre Hamas, terrorismo e esquerda levada a cabo por parlamentares evangélicos brasileiros. Analisam os conceitos de imaginário e de discurso político, dedicando parte do artigo à interpretação analítica de postagens e discursos selecionados de representantes no Congresso Nacional de partidos de direita.

Os editores agradecem a todas as autoras/autores e, em especial, aos pesquisadores do GT Clacso “Palestina y América Latina”, do Observatório Geohistórico da Universidade de Luján, Argentina, e do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os Estados Unidos, Brasil, nossos parceiros nesta publicação histórica.

Fortaleza, abril de 2024